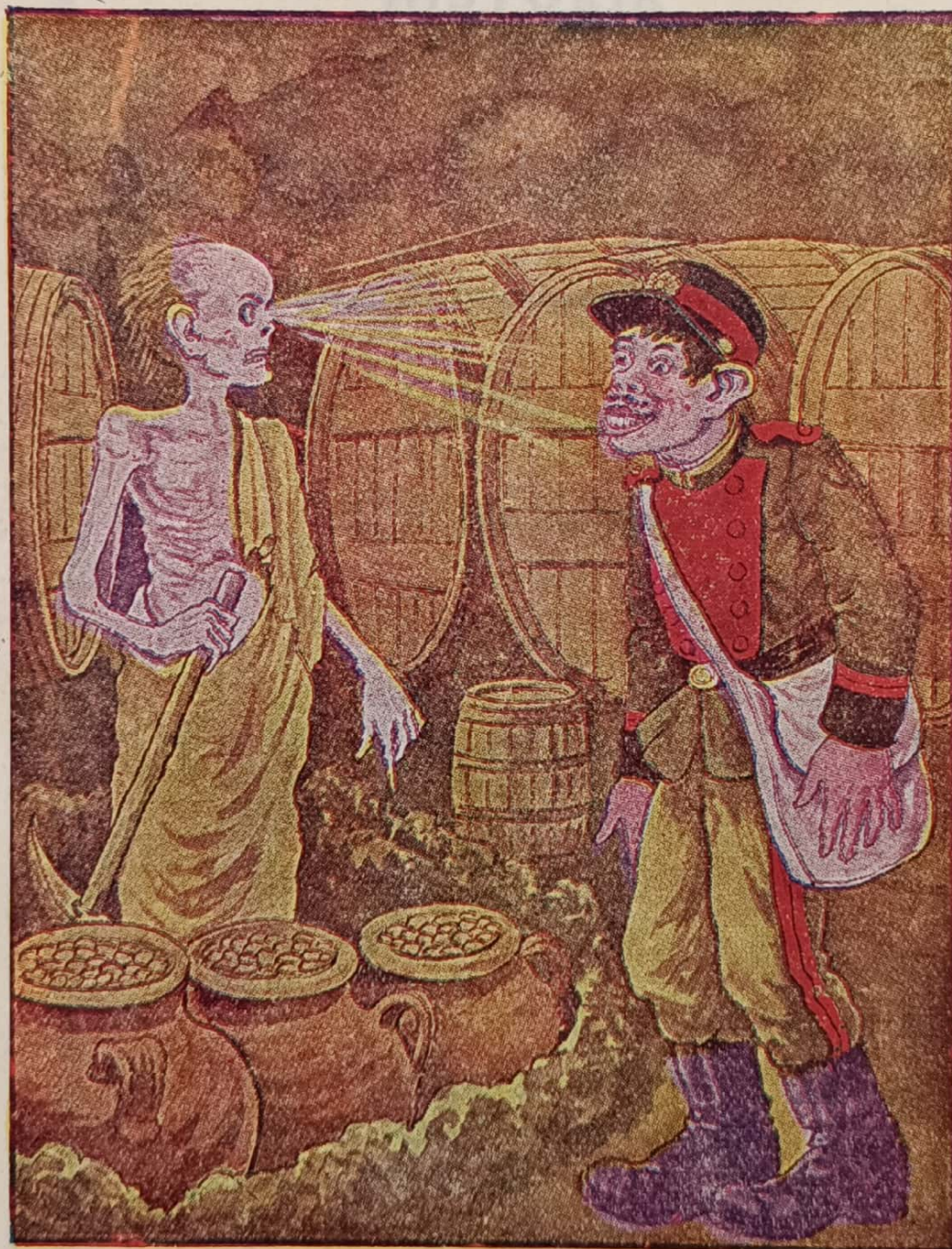


Colecção Económica 14

HISTÓRIA DE JOÃO SOLDADO

Que teve a habilidade de meter o diabo num saco

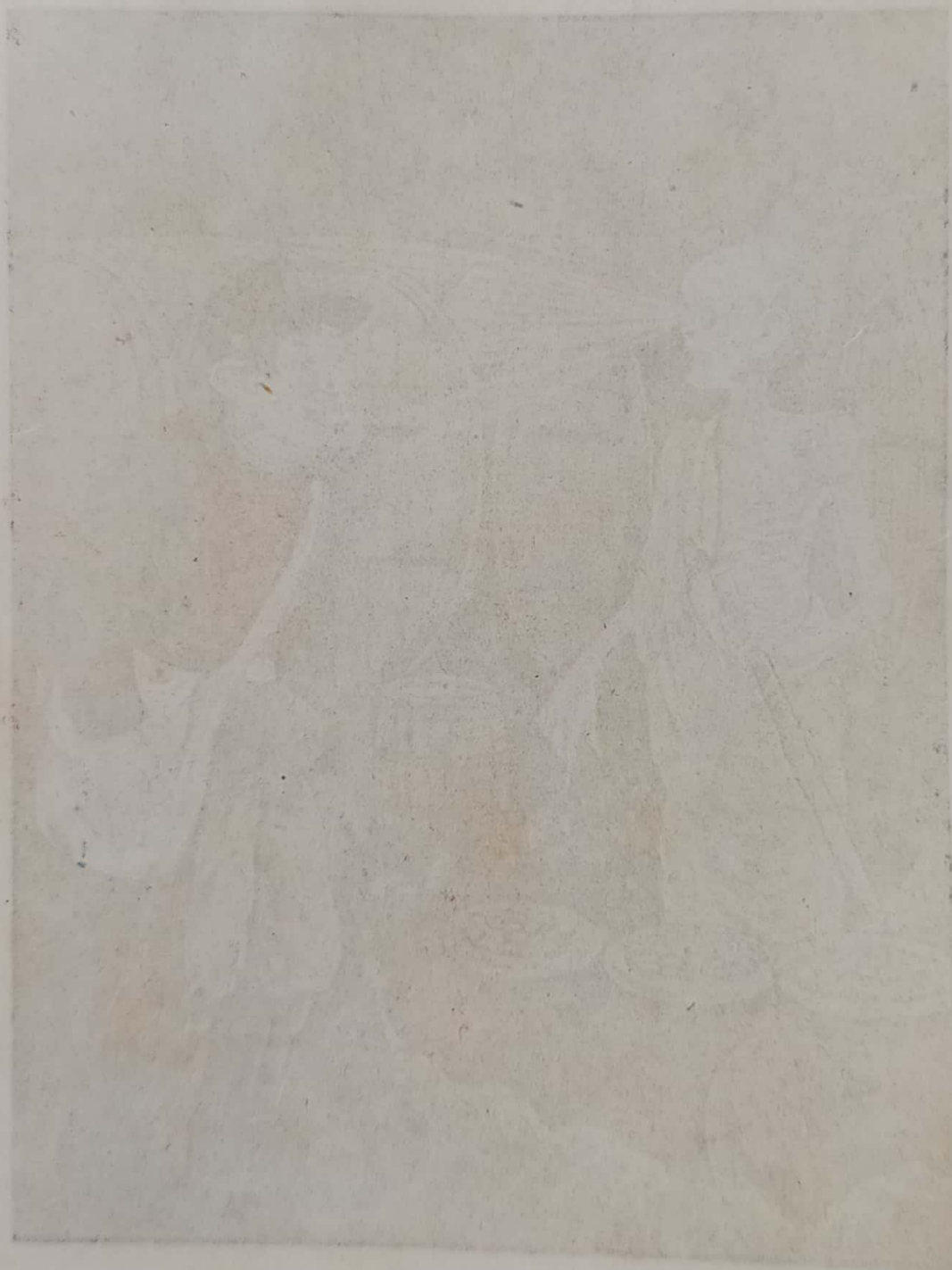


Livraria Barateira, L.^{da}

Casa Editora e de livros novos e usados — R.
Nova da Trindade, 16-A — Tel. 26755 — LISBOA

HISTÓRIA DE JOÃO SOLDADO

Que teve a habilidade de meter o diabo num sacco



XIV — COLECÇÃO ECONÓMICA

**HISTÓRIA
DE
João Soldado**

Seguida da interessante história

AS TRÊS CABEÇAS DE OURO

9.ª Edição melhorada



**LIVRARIA BARATEIRA
70, Rua Nova da Trindade, 70
Telefone 2 6755
LISBOA**

XIV — COLEÇÃO ECONÔMICA

HISTÓRIA

DE

João Soldado

Revisão de interesse histórico

AS TRÊS CARREIRAS DE OURO

2.ª Edição melhorada



LIVRARIA PARATIARA

30, Rua Nova da Trindade, 30

Telefone 2 013

LISBOA

História de João Soldado

Era uma vez um rapaz bem nascido, mas sem leira nem beira, a quem tocou a sorte de soldado. Completo o tempo de praça, que foram oito anos, tornou a alistar-se por outros oito e depois por outros tantos.

Quando chegou a completar êstes ultimos, já era velho e como nem para andar com as marmitas servia, deram-lhe baixa, entregando-lhe um pão e quatro vintens que era quanto lhe restava de soldo.

— Sempre lhes declaro — disse consigo João Soldado, pondo-se a caminho — que tirei um lucro de arregalar o olho! depois de servir o rei vinte e quatro anos, o que venho a lucrar é um pão e quatro vintens! Porém andar com Deus! nada adianto em desesperar-me, a não ser crear mau sangue.

Não ha vida mais rendosa
Do que a vida de soldado;
É rancho, mochila e arma,
E morrendo está arrumado!

Nesse tempo andava Nosso Senhor Jesus Cristo pelo mundo e trazia por moço a S. Pedro. Encontrou com eles João Soldado e S. Pedro que era o do sacro pediu-lhe uma esmola.

— Eu que lhe hei de dar — disse João Soldado — se depois de servir o rei vinte e quatro anos, não agencie mais do que um pão e quatro vintens!

Mas S. Pedro que era teimoso insistiu.

— Emfim — disse João Soldado — ainda que depois de servir o rei vinte e quatro anos, só tenho por junto um pão e quatro vintens, repartirei do pão com voçecês.

E puchando da navalha partiu o pão em trez bocados, deu-lhes dois e ficou com um.

D'ahi a duas leguas encontrou-se outra vez com S. Pedro e este tornou a pedir-lhe esmola.

— Quere-me parecer — disse João Soldado — que já lá *adiante* vi a voçecês e que conheço essa calva: mas enfim andar com Deus! ainda que depois de servir o rei vinte e quatro anos, só tenha um pão e quatro vintens e, que do pão não me resta senão este bocado, repartil-o-hei com voçecês.

Assim o fez, e em seguida comeu a sua parte, para que não tornassem a pedir-lha.

Ao pôr do sol encontrou-se terceira vez com o Senhor e S. Pedro que lhe pediram esmola.

— Quasi que juraria que já lh'a dei — disse João Soldado. Porém andar com Deus! ainda que depois de servir o rei vinte e quatro anos, me vi só com um pão e quatro vintens, repartil-os-hei como reparti o pão.

Pegou num pataco que deu a S. Pedro e ficou com o outro.

— Que hei de fazer com um pataco? — disse para si João Soldado — o remedio é deitar-me a trabalhar, se quizer comer.

— Mestre — disse S. Pedro ao Senhor — faça Vossa Magestade alguma coisa em favor desse desgraçado que serviu vinte e quatro anos o rei e não tirou outro proveito mais do que um pão e quatro vintens que repartiu connosco.

— Está bem; chama-o e pergunta-lhe o que ele quer — respondeu o senhor.

Assim o fez S. Pedro, e João Soldado, depois de pensar, respondeu-lhe que o que queria era que no

bornal que levava vasio se metesse o que ele quizesse meter nele, o que foi concedido.

Ao chegar a um lugar, viu João Soldado numa tenda umas brôas de pão mais alvo que jasmims e umas linguças que estavam a dizer: comei-me.

— Salta para o bornal! — gritou Soldado em tom de comando. — E era para ver como as brôas dando voltas como rodas de carreta e as linguças arrastando-se como cobras, se encaminhavam para o bornal sem perder o rumo. O aldeão, dono da tenda, e o aldeão-sinho seu filho, corriam atraz delas, dando cada passada que um pé perdia de vista o outro; mas de que montava, se as brôas rodavam desatinadas como calhaus por uma encosta abaixo e as linguças lhes escorregavam por entre os dedos como enguias!

João soldado, que comia mais do que um cancro e que naquele dia tinha mais fome do que Deus paciência, tomou um fartote real, daqueles de dizer: não posso mais!

Ao anoitecer chegou a um lugar; como era soldado com baixa, tinha alojamento, por isso dirigiu-se ao regedor, a fim deste lhe dar boleto.

— Senhor eu sou um pobre soldado — disse ele ao regedor — que depois de ter servido o rei vinte e quatro anos, achei-me só com um pão e quatro vintens, que se gastaram no caminho.

• O regedor disse-lhe que se ele quizesse, o alojaria em uma herdade proxima, para onde ninguem queria ir, porque havia morrido nela um condenado e desde então andava lá coisa ruim; mas que se ele era animoso e não tinha medo de coisas ruins, podia ir que encontraria lá tudo do bom e do melhor, porque o condenado tinha sido riquissimo.

— Senhor, João Soldado não deve nem teme — respondeu este — e portanto passo lá a encaixar-me emquanto o diabo esfrega um olho.

• Na tal herdade achou-se João Soldado no centro da abundancia; a adega era das mais excelentes, a dis-

pensa das mais providas, e os madureiros estavam atestados de frutas.

A primeira coisa que ele fez como prevenção para o que pudesse suceder, foi encher uma cantara de vinho, porque considerou que aos bebados costuma tapar-se a veia do medo, em seguida acendeu uma vela e sentou-se á luz a fazer umas migas de toucinho.

Apenas se tinha sentado, quando ouviu uma voz que vinha pela chaminé abaixo e que dizia: Caio?

— Pois cae, se tens vontade — respondeu João Soldado, que já estava meio *pitosga* com as emborcações daquele vinho precioso. Quem serviu vinte e quatro anos o rei sem tirar outro proveito mais do que um pão e quatro vintens, não teme nem deve.

Ainda bem não tinha acabado, quando caiu a propria, a exacta perna dum homem. João Soldado sentiu tal arrepio, que se lhe eriçaram os cabelos como um gato assanhado. Pegou na cantara e bebeu um trago.

— Queres que te enterre? — perguntou-lhe João Soldado.

A perna disse com o dedo do pé que não.

— Pois apodrece para ahi — disse João Soldado.

Dahí a nada tornou a dizer a mesma voz dantes.

— Caio?

— Pois cae, se tens vontade — respondeu João Soldado dando outro beijo na cantara. — Quem serviu vinte e quatro anos o rei não teme nem deve.

Caiu então ao lado da perna a sua companheira. Para rematar em poucas palavras, deste modo foram caindo os quatro quartos dum homem e por ultimo a cabeça, que se uniu aos quartos, e então se pôz em pé uma peça, não um cristão, mas um assombroso espectro, que parecia o proprio condenado em corpo e alma.

— João Soldado — disse ele com um vozeirão capaz de gelar o sangue nas veias. — Vejo que és um valente.

— Sim, senhor — respondeu este — sou-o, não ha

duvida; pela vida de Christo, nunca João Soldado conheceu fartura nem medo; mas apesar disso saberá sua mercê que depois de ter servido o rei vinte e quatro anos, o proveito que tirei foi um pão e quatro vintens.

— Não te entristeças por isso — disse o espectro — pois se fizeres o que eu te vou dizer salvarás a minha alma e serás feliz; queres fazel-o?

— Sim, senhor, sim, senhor, ainda que seja dar-lhe pontos nos quartos, a sua mercê, para que se lhe não tornem a separar.

— O peor — disse o espectro — é que me parece que tu estás bebado.

— Não senhor, não senhor, estou assim *tem-te não caias*; pois saberá sua mercê que ha tres classes de bebedeiras: a primeira é *tem-te não caias*, a segunda é de fazer *SS* e *RR* e a terceira é de *cair*. Ora eu, senhor, não passei do *tem-te não caias*.

— Então anda comigo — disse o espectro.

João Soldado, que estata meio *peneque*, levantou-se fazendo balanços com o corpo como santo em andor e pegou na vela; porém o espectro estendeu o braço como uma garrocha e apagou a luz. Não era precisa, porque os olhos dele alumiam como duas forjas ece-sas.

Quando chegaram á adega, disse o espectro:

— João Soldado, pega numa enxada e abre aqui uma cova.

— Abra-a vossa mercê com toda a sua força, se faz gosto nisso — respondeu João Soldado — que eu não servi o rei vinte e quatro anos, sem tirar outro lucro mais do que um pão e quatro vintens, para me pôr agora a servir outro amo que pode ser que nem isso me dê.

O espectro pegou na enxada cavou, e tirou tres talhas, e disse a João Soldado:

— Esta talha está cheia de cobre, que repartirás pelos pobres; esta está cheia de prata, que empregarás em sufragios pela minha alma, e esta ultima está cheia

de ouro, que será para ti, se me prometeres empregar o contendo das outras conforme acabo de dispôr.

— Fique sua mercê descansado — respondeu João Soldado — vinte e quatro anos passei cumprindo as ordens que me davam, sem tirar outro proveito mais do que um pão e quatro vintens; por isso já vê sua mercê, se o farei agora que tão boa recompensa me promete.

João Soldado cumpriu tudo o que lhe recomendou o espectro e ficou metido num sino, fazendo um figurão com tanto dinheiro como o que tinha na talha.

Mas a quem tudo o que se passa causou grandes amargos de boca, foi a Lucifer, o qual ficou sem a alma do condenado, pelo muito que por ela rezaram a igreja e os pobres, e não sabia como vingar-se de João Soldado.

Havia no inferno um Satanaz pequeno mais ladino e astuto que nenhum, que disse a Lucifer que era capaz de lhe trazer João Soldado.

Causou isto tanta alegria ao diabo mór, que prometeu ao pequeno, se cumprisse o que prometia, presenteal-o com um molho de enfeites e dices para tentar e perder as filhas de Eva, e uma porção de baralhos e garrafas de vinho para seduzir e perder os filhos de Adão.

Estava João Soldado sentado no seu cerrado quando viu chegar muito lepido o diabinho, que lhe disse:

— Bons dias, senhor D. João.

— Estimo ver-te, macaquito. Que feio tu és? Queres uma fumaça?

— Não fumo, D. João, senão palhas.

— Queres beber um trago?

— Não bebo senão agua-forte.

— Pois então a que vens alma de Caim?

— A leva-lo a sua mercê.

— Em boa hora seja. Não servi vinte e quatro anos o rei, para tocar a retirada deante de um inimiguito de má morte como tu. João Soldado não teme nem deve, percebes? Olha, sobe a essa figueira que tem uns figos como punhos, enquanto eu vou pelos alforges, porque

se me afigura que o caminho que temos para andar é comprido.

O Satanaz pequeno, que era guloso, subiu á figueira e poz-se a comer figos. Entretanto João Soldado foi buscar o bernal que deitou ás costas, e em seguida voltou gritando ao diabrete.

— Salta para o bernal!

O diabo pequeno, danda cada guincho que assombrava e fazendo contorção que metia medo, não teve remedio senão encaixar-se dentro do bernal.

João Soldado pegou num malho de ferreiro e começou a desancar o pobre diabrete, até lhe deixar os ossos feitos num feixe.

Deixo á consideração dos nobres leitores o animo que Lucifer teria, quando viu chegar á sua presença o seu Benjamin, a menina dos seus olhos, todo derreado e sem ter bocado no corpo que não estivesse escalavrado.

— Irra, tres mil vezes irra! — bradou ele — protesto que esse descarado basofia de João Soldado mas ha de pagar todas juntas; eu mesmo lá vou em pessoa, deixa estar.

João Soldado que esperava esta visita, estava prevenido e tinha o bernal ás costas: por isso apenas se apresentou Lucifer, deitando lume pelos olhos e foguetes pela boca, poz-se-lhe João Soldado diante com muita serenidade e disse-lhe:

— Compadre Lucifer, João Soldado não teme nem deve, é preciso que saibas.

— O que has-de saber tu, meu fanfarrão das duzias, é que te vou meter no inferno num abrir e fechar de olhos — disse Lucifer bufando.

— Tu a mim? tu a João Soldado! Não ha de ser facil. O que tu não sabes, compadre soberbo, é que quem te vae meter so tamos dentro sou eu.

— Tu, vil gosano terrestre?

— Eu a ti, grande estafermo, é que te vou meter num bernal; a ti, ao teu rabo e aos teus cornos.

— Basta de bravatas, disse Lucifer, estendendo o seu grande braço e mostrando as suas tremendas unhas.

— Salta para o bernal! — exclamou em voz de comando João Soldado.

E por mais que Lucifer se dobrasse, por mais que se arrepelasse, se defendesse e se puzesse num nóvelo por mais que bramisse, bufasse e uivasse, foi de cabeça dentro ao bernal sem apelação nem agravo.

João Soldado foi buscar um masso e começou a descarregar sobre o bernal cada pancada que fazia uma cova até que deixou Lucifer mais chato que uma folha de papel.

Quando sentiu os braços cançados, deixou ir o preso e disse-lhe :

— Olha que por agora contento-me com isto; mas se te atreveres a tornar a pôr-te deante de mim, grande desavergonhadaço, tão certo como ter eu servido o rei vinte e quatro anos, sem tirar outro proveito mais que um pão e quatro vintens, arranco-te o rabo, os cornos e as unhas, e veremos então a quem metes medo. Ficas prevenido.

Quando a sua côrte infernal viu chegar o diabo mór, derrubado, encolhido, mais transparente que um pano de peneira e com o rabo entre as pernas, como cão escorraçado às pauladas, puzeram-se todos aqueles farri-cocos a vomitar sapos e cobras.

— Depois d'isto, o que havemos de fazer, senhor? perguntaram eles a uma voz.

— Mandar vir serralheiros para que façam ferrolhos para as portas, pedreiros para que tapem bem todas as frinchas e buracos do inferno, a fim de que não entre, não surja nem aporte por aqui o grande insolentão de João Soldado — respondeu Lucifer.

E assim se fez com toda a pontualidade.

Quando João Soldado conheceu que se aproximava a hora da morte, pegou no seu bernal e encaminhou-se para o céu.

A porta encontrou-se com S. Pedro, que lhe disse:

— Olá! bemvindo! onde é a ida, amigo?

— Para onde vê — respondeu muito ancho João Soldado, entrando.

— Tá, tá, tá! pare lá, compadre. Não entra assim qualquer *quidam* no céu como entra para sua casa. Vejamos que merecimentos traz vocemecê?

— Se lhe parece não trago nada — respondeu João Soldado muito sisudo. — Pois servi vinte e quatro anos o rei sem tirar outro proveito mais do que um pão e quatro vintens. Parece-lhe pouco a sua mercê?

— Não basta, amigo — disse S. Pedro.

— Não basta? — replicou João Soldado, dando um passo para diante — veremos.

S. Pedro embargou-lhe a passagem.

— Salta para o bortal — bradou João Soldado.

— João, homem cristão, tem respeito, tem consideração.

— Salta para o bortal! que João Soldado não teme nem deve.

E S. Pedro ou com vontade ou sem ela teve que meter-se dentro do bortal.

— Solta-me, João Soldado — disse-lhe ele — considera que as portas do céu estão abertas e sem guarda e que pode entrar por elas alguma alma de cantaro.

— Isso era justamente o que eu queria — disse João Soldado, entrando para dentro muito ancho e emproado — pois diga-me, Senhor S. Pedro, parece-lhe a sua mercê regular que eu depois de ter servido o rei vinte e quatro anos lá em baixo, sem ter tirado outro proveito mais do que um pão e quatro vintens, não encontre cá por cima o meu hospital de invalidos?

Fim da História de João Soldado

As três cabeças de ouro

Em tempos que já lá vão, havia um rei, muito amado pelos seus subditos, e para quem a vida corria feliz, até que um dia morreu a rainha, que ele adorava. Ficou-lhe uma única filha, uma linda menina, com quinze anos de idade.

Passado algum tempo, o rei lembrou-se de tornar a casar, e escolheu para sua esposa uma viuva muito rica, que também tinha uma filha. A segunda mulher do rei era velha, feia e carrancuda, e só pelo dinheiro é que tinha casado com ela. A filha era igualmente horrenda, e além disso invejosa e com mau genio — emfim, em tudo se parecia com a mãe.

A nova rainha e a filha, assim que vieram para o palacio, começaram logo a intrigar a filha do rei inventando toda a especie de falsidades, que o rei de boa fé ia acreditando. De maneira que a pobre princeza resolveu fugir da côrte, onde a vida era tão triste, e um dia pediu ao pai que lhe desse alguma coisa, e que a deixasse ir tentar fortuna. O rei consentiu e ordenou à rainha que lhe desse uma pequena quantia, tanto quanto fosse preciso, e a deixasse ir embora. A rainha só lhe deu um saco com pão bolorento, um bocado de queijo duro, uma garrafa com agua e a respeito de dinheiro, nem um ceutil.

A princeza pegou no saco, agradeceu á madrasta, e partiu.

Andou por montes e vales até que por fim viu um ve-

lho sentado numa pedra, á entrada duma caverna, que lhe disse :

— Bom dia, linda menina, ¿ onde vais tão depressa ?

— Bom velho, respondeu ela, vou em cata de fortuna.

— ¿ Que levas nesse saco e nessa garrafa ?

— No saco levo pão e queijo, e na garrafa agua pura disse ela. ¿ Queres alguma coisa ?

— Se quero ! replicou o velho.

A menina deu logo metade do pão, queijo e agua ao pobre velho, e fê-lo comer com todo o carinho. Quando acabou, o mendigo agradeceu muito penhorado, e disse :

— Não tarda que chegues a uma sebe muito espessa, que parece que não se poderá passar. Toma esta varinha, bate com ela tres vezes, e diz : «Peço-te sebe, que me deixes atravessar», e imediatamente ela se abrirá e tu passarás. Depois, um pouco mais adiante, encontrarás um poço; senta-te na borda, e aparecerão tres cabeças de ouro, que falarão. Faze tudo que te mandarem.

A princeza prometeu fazer o que o velho tinha recomendado. Quando chegou á sebe, disse o que ele lhe tinha ensinado, e logo a sebe se abriu e lhe deu passagem. Mais adiante, encontrou o poço; e assim que se sentou na borda, apareceu uma cabeça de ouro, cantando :

«Vê se me podes lavar,
E penteia-me tambem,
Põe-me depois a enxugar
Sobre as flores que estão alem,
Para que eu pareça bem
A quem por aqui passar.»

— Assim farei, disse ela. E penteou a cabeça com um pente de prata, pondo a em seguida a enxugar sobre um macisso de flores.

Apareceu depois a segunda cabeça, e logo a terceira, e cada uma delas lhe pediu para ser penteada, o que

ela fez. Em seguida, pegou no pão, queijo e água, e comeu o seu jantar.

Então, ouviu as cabeças conversar umas com as outras; diziam:

—¿ Que faremos por esta menina que nos tratou com tanta bondade?

E a primeira dizia: — Eu faço-a tão linda que ela ha de encontrar o mais poderoso principe do mundo.

E a segunda dizia: — Eu dar-lhe-hei tão delicioso perfume que igualará o das flores mais aromaticas.

E a terceira dizia: — O meu condão não será o menos valioso, pois como ela é filha dum rei, eu faço-a tão afortunada, que ela será rainha do maior reino do mundo.

As tres cabeças pediram então á menina que as tornasse a meter no poço, o que a menina fez, seguindo depois o seu caminho. Não tinha andado muito quando encontrou um rei caçando com o seu sequito. Ela queria ir para outro lado; o rei, porem, avistou-a, chegou-se ao pé dela, e vendo a sua grande beleza, e sentindo o bom perfume que vinha dela, de tal forma se apaixonou, que lhe pediu para casar com ele, levando-a para o seu palacio.

Passado algum tempo, soube de que rei a noiva era filha; ordenou que dispuzessem carruagens, e partiu com ela a visitar o pai. Quando o rei viu a filha e o marido numa linda carruagem, adornada com ouro e pedras preciosas, ficou primeiro muito admirado, e depois muito contente; e toda a cõrte rejubilou por tornar a ver a sua linda princeza tão feliz. Só a madrasta e a filha quasi estouraram de inveja. Houve muitos festejos e danças na cõrte, e duraram as festas muitos dias, até que a princeza voltou para o seu palacio, com o marido e um rico dote que o pai lhe tinha dado.

A filha da madrasta pensou então que era bõa ir tambem em busca de fortuna; a mãe arranjou-lhe uns trajes muito ricos, grande porção de iguarias, doces e guloseimas, e uma grande garrafa cheia de bom vinho.

Partiu pelo mesmo caminho que a princeza tinha seguido, e quando chegou ao pé da caverna, estava lá o mesmo velho, que disse:

— ¿ Onde vais tu com tanta pressa ?

— Que tens tu com isso ? respondeu ela.

— Que trazes nesse saco e nessa garrafa ? tornou ele.

— Boas coisas, respondeu ela, mas tu é que não as provas com toda a certeza.

— Pois quê ! ¿ Não me dás sequer um bocadinho ? perguntou o velho.

— Não, nem uma migalha, nem uma gota, e bem me importa a mim que fiques zangado.

O velho disse então : — A desgraça te espera.

A rapariga continuou a andar, até que chegou á sebe, na qual viu uma abertura por onde julgou que poderia passar ; mas quando tentava fazê-lo, a sebe fechou-se de repente, e os picos arranharam-na toda.

Procurou agua para se lavar do sangue, que escorria dos arranhões, quando avistou o poço. Sentou-se á borda, e uma cabeça de oiro veio ao de cima da água cantando :

«Vê se me podes lavar,
E penteia-me tambem,
Põe-me depois a enxugar
Sobre as flores que estão alem
Para que eu pareça bem
A quem por aqui passar».

Ela pegou então na garrafa de vinho e despejou-a em cima da cabeça, dizendo : — Toma lá para te lavares !

As outras cabeças que logo apareceram, tratou-as tão mal como á primeira. Consultaram-se umas ás outras na maneira como haviam de castigar a maldosa rapariga. A primeira disse : — Que a cara se lhe cubra de lepra.

E a segunda disse : — Que cheire tão mal como uma pocilga.

E a terceira deu-lhe um marido, mas não um príncipe, unicamente um pobre sapateiro remendão.

A feia rapariga seguiu então até uma cidade e, como era dia de mercado, toda a gente que olhava para ela, fugia horrorisada tão medonha ela estava. Só um pobre sapateiro se apaixonou e lhe perguntou quem era.

— Eu sou filha dum rei, disse ela.

— Bem, respondeu ele, se eu te poder curar da lepra e te tirar esse mau cheiro que exalas, peço-te em casamento, convem-te?

— Sim, respondeu ela com todo o gosto.

O sapateiro poz-lhe então um óleo na cara, e deu-lhe alguma coisa para tirar o mau cheiro, e passados uns dias casou com ela.

Quando a rainha velha viu a filha casada com um pobre sapateiro ficou tão zangada, que perdeu a fala; porém o rei deu ao sapateiro uma mancheia de dinheiro, com a condição de levar a enteada para tão longe que ele nunca mais a tornasse a ver.

Assim viveram muitos anos, o sapateiro remendando sapatos e a mulher ajudando-o ao trabalho.

Fim da historia *As Três Cabeças de Ouro.*

Obras à venda na LIVRARIA BARATEIRA, L.^{DA}

Rua Nova da Trindade, 16-A — Telef. 2 6755 — LISBOA

COLECÇÃO ECONOMICA

Cada folhete contém 16 págs. e 1 linda gravura a côres na capa

PREÇO 1\$00

27. Amor desventurado — 84. Anedotas de juizes — 85. Anedotas médicos — 2. Anedotas do Bocage — Anel de Ferro. — 37. Anel misterioso — Antigas aparições de Nossa Senhora em Fátima — 28. Arte de agradar aos maridos — 7. Arte de explicar os sonhos — 90. Aventuras de Pinóquio — 41. Aventuras de um fadista sapateiro — 64. Aventuras dos falsos polícias secretos — 26. A Boneca Vianeza — 63. Canções da Nossa Terra — Canção popular — Cantigas da velha guarda — 88. Correio amoroso — 33. O diabo à meia noite — 86. Discussão entre o Pataleão Taberneiro e o Barnabé caloteiro — 89. Verdadeira História da Donzela Teodora — Fados da nossa história — O Filho do gorila — História da branca flor — 92. História da Princesa Magalona — 30. História de um galego que trocou a mulher por uma vaca — 14. João Soldado — 22. História de Pedro Sem — 44. Histórias infantis — 20. Histórias maravilhosas — 34. Homem que foi buscar o estandarte a Espanha — 38. Ilha encantada — Jantar às 8 — 3. O livro dos namorados — 1. mais lindos fados e canções — Nas cinzas dum amor — Oraculo — A leitura da vossa vida — 17. Oraculo do destino — 35. Paulo e Virginia — Pensamentos, Proverbios e Sentenças — 45. Os amores de Severa e Vimioso — 65. O trágico segrêdo do morto vivo

COLECÇÃO NACIONAL

Folhetos de 32 págs. Com lindas capas a côres. Cada 1\$50

35. Aida — 44. Anedotas de Teatro — 9. Aventuras de Bertoldo — As Cartas d'Amor de soror Mariana — O Cavalo encantado — O crime da Portela do gato — 40. A Deusa dos mares — Maravilhosas aventuras do capitão Gustavo — 15. Dicionário das flores — História da Imperatriz Porcina — 22. História da Maria da Fonte — 24. História de Aladino ou a lampada maravilhosa — 19. História de Carlos Magno — 2. História de D. Inês de Castro — 15. História do grande Roberto do Diabo — O Marquês de Pombal — Oraculo das damas — 26. O Palácio encantado — 31. Piadas do Bocage — 30. Princesa Sanguinária — 5. Rainha Santa Isabel — 27. O touro branco encantado — 13. Vasco da Gama — 28. A vida da Severa — 14. Vida de Cacasseno

A TRIOGRAFICA — R. Luz Soriano, 94 — LISBOA